

# O ESPECTRO

*Admonet in somnis et turbida terret imago.*

Horrido Espectro me atormenta em sonho.

LISBOA 25 DE FEVEREIRO.

Appareceu e corre ahí um papel denominado—*Popular*. O *Espectro* faltaria á sua missão se ficasse silencioso á vista da linguagem que nelle se emprega.

Magoou-se-nos o coração ao lê-lo. Quizeramos que a mais sancta das causas fosse tambem a mais generosa e a mais pura, e que a soberania da nação não aprendesse nos delirios da soberania da cõrte o exercicio dos seus direitos.

O jornalista é o sacerdote d'uma religião, d'uma crença social—expõe a sua doutrina, discute, convence ou é convencido. A sua alma deve respirar sempre amor, o seu apostolado é um apostolado de paz. Se o seu irmão pecca, deve dizer-lhe como o sacerdote do Evangelho—*Fili, peccasti; non adjuicias iterum*. Ai daquelle que inspirar sentimentos de vingança, que acender instinctos sanguinarios! São sentimentos farisaicos que Jesus Christo condemnou nos que queriam apedrejar a mulher adultera.

O primeiro funcionario da nação tem peccado politicamente muito, e o *Espectro* não tem sido indulgente com os seus erros. Considerou o chefe do estado impeccavel em quanto elle não desceu da esfera da sua inviolabilidade, e fulminou-o quando o vio lançar-se na arena dos partidos. Antes de ferir, pediu e chorou—chorou a cegueira da cõrte que a perdia e nos perdia; advertiu e lembrou o abismo em que a íam afundar tantos desacertos. Como Jeremias profetizou a destruição de Jerusalem e dos seus templos, mas não a provocou—apontou para essa nuvem prenhe de tempestades, mas não foi elle que a rompeu, nem que abriu as cataratas do Céu. Os desastres que acontecem deplorou-os no fundo d'alma.

E estamos convencidos que exprimimos o sentimento desta nação magnanima. Assim é que procedem os seus heroes. Aos martyrios que soffrerem os prisioneiros de Torres Vedras corresponde a junta do Porto com a mais sabia e prudente moderação; o commandante das forças ministeriaes em Cintra, que matou cidadãos inermes, ficou confundido com a generosidade dos seus inimigos em Alcacer e em Evora!!

Assim é que o povo se vinga; assim é que a

causa nacional se honra; assim é que os bons principios triunfam; assim é que nós merecemos as sympathias e a admiração da Europa.

Para que é incitar o povo a que entre no palacio dos nossos reis e pratique ahí acções de canibae? Que civilização é esta que injuria as victimas para as immolar?

O palacio do rei é inviolavel como a cabana do pobre. O limiar da sua porta deve ser tão sagrado como o da nossa. O ousado que o ultrapassasse era tão criminoso como o beleguim cabralista que devassa a nossa casa, e como o assassino d'Agrella que não poupa nem ao sexo nem á idade.

O paço dos nossos reis é um foco de corrupção politica, mas não o é de corrupção moral. Não ha rainha mais virtuosa como esposa, nem como mãe de familias. A sua casa póde servir de exemplo a todas as da Europa.

Apraz-nos fazer esta justiça. Assim poderemos achar que louvar no funcionario como achamos no individuo.

Por isso é que a nossa voz se levanta contra uma imputação injuriosa e falsa—A moral respeita-se no adversario como no amigo.

Colocado entre o mundo e a eternidade o *Espectro* ha de ser severo mas justo com os reis e com os povos. Fazemos o sacrificio de nós mesmos nestas poucas reflexões. Adversarios da cõrte como o somos, perseguidos por ella, sem lhe implorarmos para nós mercê ou compaixão; queremos que os nossos correligionarios, camaradas nesta cruzada santa, defensores da verdade sejam soldados dignos della, porque só merecem servir o povo aquelles que lhe fazem honra pela sua virtude.

Temos tido muitos reveses, e fomos sempre generosos. Depois delles, quando as entranhas das victimas ainda palpitavam, quando o fumo do sacrificio cruento ainda subia ao throno do Altissimo, quando os olhos de todo um povo se arrasavam de lagrimas, quando a sombra dos sepulchros cobria todo o paiz, quando o anjo da morte parecia adejar em torno das nossas cabeças, o *Espectro* appellou para o povo, e o povo ouviu-o; chamou-o ás armas, e o povo correu ás armas. O *Espectro* nunca desesperou da salvação da patria. Não bradamos contra os

tyrannos, bradamos contra a tyrannia. Não incitamos as paixões baixas, recorremos ás paixões nobres que honram as nações.

Agora que a fortuna nos sorri fagueira, que a revolução tem seguro o seu triunfo, que debellamos por toda a parte as hordas liberticidas, não é necessario revolver as fezes da sociedade, e levar o povo a crimes que repugnam ao seu coração, que desinentem o seu character, que desvirtuam a sua causa. Quem venceu generoso não se ha de manchar depois da victoria.

Mas se alguém tem desejo de combate ainda ha muitos inimigos que é necessario vencer em guerra leal. Contra esses chamamos nós todos os esforços. Julgar possivel o successo d'um assassinato, mesmo consummado, e conceder a um homem ou a uma mulher a honra de ter na sua vida ou na sua morte a salvação d'um povo, não ha seguramente erro mais profundo, nem mais funesto! Os destinos de uma nação não dependem de tão pouco. Quando o mal existe é porque está nas cousas, lá é que sómente é necessario persegui-lo. Se uma pessoa o representa, fazendo desaparecer essa pessoa não se destroe a personificação, renova-se. Cesar assassinado renasceu mais terrivel em Octavio.

E não fazemos estas reflexões porque receemos que o caso se verifique. Estes votos de sangue são impotentes porque são sem grandeza e sem generosidade. Parece-nos que o homem que tem o coração de Bruto, não tem o braço delle para brandir o seu punhal; e a esta observação o povo ha de consultar melhor aos seus interesses, e avaliar devidamente a sinceridade dos conselhos, que lhe dão.

Somos forçados a estas ponderações para que não se julgue o grande partido nacional solidario nas idéas d'um individuo, a quem a sua paixão fascina, e suggere dictames que decerto o seu coração reprova.

A cõrte provoca as iras populares, mas nós é que não as devemos incitar. Receiamos grandes males, e se os prognosticamos é só para os prevenir. Assim o fez o conde das Antas na sua representação de 27 de Outubro, assim o fez toda a imprensa da Europa. Oxalá que a cõrte ouvisse estes brados desinteressados, que agora conhecerá serem os d'uma sincera dedicação.



N'uma carta do Porto de 20 do corrente se lê o seguinte:

«A columna do commando do marechal do exercito conde das Antas, que andava no Minho, chegou á Barca, e o inimigo esperou-a detraz dos intrincheiramentos que fizera na ponte, porém quando estavam preparados os meios de atravessar o rio Lima abandonou os intrincheiramentos e fugiu em debandada para os

Arcos com direcção á Valença, onde se recolheu. Nessa occasião muitos soldados se apresentaram e alguns officiaes. A nossa força marchou para Vianna; dentro do castello estavam duzentos homens com muitos viveres; a falta de artilheria fez com que nenhuma operação se tentasse, e como ao mesmo tempo João Carlos de Saldanha fizesse um movimento sobre Oliveira d'Azemeis a nossa força marchou sobre Villa Nova de Famelição, onde se conserva. No porto de Vianna estava o brigue Vouga que com muita difficuldade pôde sair a barra; encontrou-se um deposito de tabaco e sabão que foi conduzido para esta cidade. O general Povos tem obrado feitos de estremo valor, estando cercado por forças consideraveis atrevesou por entre os piquetes com toda a sua columna e veiu Lamego. Como porém essas forças o seguissem em distancia de uma ou duas jornadas, desceu para Porto Manso onde se conserva. Aqui chegou hontem o brigadeiro Rebocho, chefe do estado maior para receber ordens da junta. Marchou debaixo das ordens do brigadeiro Guedes uma columna de tropa regular para o coadjuvar. O vapor Porto que dahi veiu fretado pelo governo entrou a barra desta cidade ante-hontem pondo-se ás ordens da junta; os officiaes foram presos pela tripulação que se revolucionou nas alturas de Vianna. Saldanha chegou a Oliveira de Azemeis onde se conserva.»

N'outra carta da mesma data lê-se:

«Aqui temos o vapor Porto, e presos na relação o commandante Simas, conde de Linhares D. Rodrigo, e mais dois officiaes. Tão bella aquisição deve-se ao fiel do navio e a dois officiaes de prò, que á sahida de Vigo se revoltaram, prenderam os officiaes e deram entrada no Douro.

«O Povos escapou-se á montaria: durante um mez conservou-se na Beira perseguido por dois mil infantes, e 200 cavallos; e por fim passou pela frente do inimigo, apresentou-se em Lamego, e veiu passar o Douro Entre Ambos os Rios. Vem muito incommodado com uma ophthalmia, e hoje sahiu uma liteira para Penafiel a espera-lo.

«O Saldanha deixou o Vouga, tem o seu quartel general em Oliveira de Azemeis, e vançadas em S. João da Madeira. — Todos os dias se nos apresentam soldados das suas fileiras.»

N'outra da mesma data lê-se:

«O vapor Porto veiu entregar-se á junta tendo-se revoltado a guarnição, e prendendo os officiaes, que estão na relação, entre elles o conde de Linhares. O conde das Antas está no Minho. Casal abandonou as fortissimas posições do Lima, e fugiu para Valença.

«Saldanha avançou para Oliveira d'Azemeis e Arrifana. Sá da Bandeira é o governador da praça do Porto e commandante da 3.<sup>a</sup> divisão.

« Nas duas margens do Douro estão os generaes Povoas, Bernardino, Cesar, e Guedes.

« O general Rebocho entrou hoje na cidade com commissão do general Povoas. Este fez uma marcha mais bella, mais sabia, mais ariscada, e tanto ou mais feliz que a primeira. Os seus voluntarios excederam tudo quanto se possa imaginar de paciencia, fidelidade e resignação, e são dignos de tão illustre chefe. A cabeça do general Povoas é cada vez mais forte: a sua tranquillidade como a de Socrates. O corpo é que o não ajuda. Tudo isto fez elle ralado de dores insupportaveis. Por toda a parte era recebido como um anjo do Senhor. Elle ludibriou completamente os pechotes que Saldanha mandou com forças muito superiores para o baterem. »



N'uma carta de Evora lê-se o seguinte :

Os prisioneiros teem sido muito bem tractados: todos escreveram logo ás suas familias, e o C. de M. . . encarregou-se de remetter as cartas que já foram entregues nos seus destinos.

O conde M. . . foi ao logar da prisão examinar se se lhe haviam prestado todas as commo-didades, segundo elle tinha ordenado: por esta occasião foi cumprimentado por todos os officiaes que se lhe mostraram o mais reconhecidos; mostrando-se o Ilharco muito admirado da força e disciplina daquella divisão, e dizendo-lhe que tanto elle como a maior parte dos seus estava enganado ácerca das forças inimigas, o que muito sentia porque assim via menos provavel o triumpho da sua causa.

No Algarve receberam-se vindas do Porto 750 armas — o cahique que fugiu de Cascaes está em Faro.

Todos os presioneiros praças de pret, á excepção de 8 foram por sua vontade distribuidos pelos corpos.



Por cartas de Coimbra de 20 do corrente consta — « que do batalhão 6 de caçadores que alli estava desertaram 30 soldados para o Porto — » que no dia 19 se prenderam por ordem do governador civil 29 individuos que embarcaram logo para a Figueira. O seu crime era serem progressistas. Os principaes são, o doutor Costa Fernandes, lente de medicina, Agostinho de Moraes, lente de mathematica, Duarte Nazareth, lente de direito, Raymundo, Simões, José Alexandre de Campos, e varios medicos e negociantes. »



O sr. João de Oliveira tomou conta da pesta da fazenda, e o agio das notas não desceu. As promessas cabralistas falharam ainda mais esta vez.

O ex-duque de Saldanha queria que o Sousa Azevedo fosse para o reino, Marcellino Maximo para a justiça. Farinho para a marinha, e Manoel de Portugal para a rua. Marcellino Maximo não acceitou a transferencia, e sujeitava-se á demissão: a rainha queria que Sousa Azevedo fosse para os estrangeiros visto ser necessario que entrasse o João d'Oliveira para arranjar dinheiro, e não querer sahir do reino o Marcellino a quem era necessario conservar por haver acceitado a responsabilidade da noute de 6 d'Outubro — A final o ex-marquez de Fronteira fôi ao paço, expoz a impopularidade de Sousa Azevedo, a necessidade de o pôr fóra para não se sublevarem os batalhões, e daqui nasceu esta demissão nocturna, que o Sousa Azevedo soube pelo supplemento.

Ahi fica em resumô a historia da intriga.

A proclamação de 6 de Outubro dizia: *Nada de Cabraes*. O primeiro Cabral já entrou.

Diz-se agora que o ministro da fazenda insta pelas suas leis financeiras, e que vai restabelecer a decima de repartição, subsidio no vinho verde, contribuição para as estradas, e todos os impostos que a revolução aboliu.

Diz-se mais que se tenta um emprestimo de 600 mil libras, e que para o obter o governo cede ou hypotheca a ilha da Madeira aos inglezes!!!

Eis-aqui o aspecto lisongeiro dos negócios sob a paternal administração de 6 de Outubro.



## ACTOS OFFICIAES.

Batalhão provisório de leaes caçadores. — N.º 52. — Ill.º e ex.º sr. — Tendo em meu officio n.º 50 de 8 do corrente participado a V. ex.ª o resultado do combate naquella dia havido em Alcacer entre as forças debaixo do meu commando, e as do governo de Lisboa debaixo do commando do major Ilharco, julgo do meu dever dar a V. ex.ª uma parte circunstanciada, que não pude fazer logo.

Tendo marchado desta praça no dia 6 ás 11 horas da noute, cheguei ás 7 da manhã do dia 7 á Chaminé, e ali descancei até á uma da tarde, pondo os meus piquetes com ordem de apreenderem todás as pessoas para não ir alguma avisar a Alcacer a aproximação das minhas forças, e marchando á uma hora fiz avançar um piquete de cavallaria até Santa Suzana com ordem de fazer com que ninguem sahisse, e eu marchando naquella direcção deixei um piquete de cavallaria na ponte do Rio Mousinho para não deixar passar naquella noute ninguem, — e eu chegando a Santa Suzana a duas legoas d'Alcacer, marchei á uma hora da noute do dia 8 e chegando junto a Alcacer ás 5 horas dividi a minha força, fazendo avançar 50

bayonetas, e 12 cavallos até ao Poehno no maior silencio, e eu com a columna marchei até a tomar o sitio dos Açougues, e chegando ali mandei avançar uma força a marche-marche para a praça de Alcacer, e eu marchei a tomar o quartel aonde me diziam estava a força inimiga: nesta occasião um piquete inimigo fez fogo sobre a força que avançava para a praça, cujo foi logo carregado por aquella, e eu mandei immediatamente tocar a avançar para a força do Pocinho convergir sobre o quartel com a minha: este movimento foi feito com tanta rapidez que apenas pôde recolher ao quartel o major Ilharco, que estava aquartelado defronte, e outro official; logo que cheguei ao quartel o inimigo roupeu um vivissimo fogo por todas as janellas, e eu mandando posar forças por todas as embocaduras das ruas, fiz introduzir outras por todas as casas defronte do quartel, e d'alli rompeu um vivissimo fogo sobre o inimigo que durou cinco horas, e vendo eu que não era possível entrar dentro do quartel pois que fazendo avançar parte da força para o levar a bayoneta, e arrombando uma porta, a achei sem communicação para dentro: gritei por muitas vezes ao major Ilharco que se entregasse aliás lhe incendiava o quartel (pois receiava que durando muito o combate poderia ser socorrido) e vendo que elle continuava o fogo fiz introduzir sete feixes de lenha, e mandando-lhe lançar agoa-raz lhe mandei lançar fogo, com o intento de os obrigar a render ou saírem para a rua: a isto chegou o major á janella e gritou que queria fallar ao commandante, e apresentando-se-me disse que se rendia: mandei immediatamente cessar o fogo, e que saíssem para fóra, mas sem armas, o que fizeram. A perda da minha parte foram dous soldados mortos; um do bravo caçadores 5, e outro do regimento 12 — e dous de cavallaria, feridos gravemente, um aspirante e um cabo, o inimigo teve 15 feridos e dezete mortos — inclusivè um official, tendo eu na primeira parte dito que foram tres mortos por ignorar que os outros os tinham mettido em um quarto e ficando prisioneiro um major, dous tenentes, tres alferes, e cento e vinte seis praças de pret. É impossivel descrever o enthusiasmo e valentia de toda a força debaixo do meu commando, chegando até alguns soldados a treparem para os telhados, para d'alli fazerem fogo melhor, mas são dignos de fazer particlar menção do distincto comportamento do tenente Francisco

Dias Netto — alferes Antonio Corrêa Franqueira — 2.º tenente Joaquim de Santa Anna — alferes Carvalho — e o segundo sargento José Caetano Verissimo — o 1.º sargento de cavallaria Justiniano Antonio de Sequeira, e o 2.º sargento Ezequiel Maria da Graça que por não poderem manobrar com a cavallaria vieram fazer fogo de clavina. Fez-se tambem digno de ser recommendado o commandante da força de cavallaria, o alferes Pancada, pela cooperação que prestou naquella occasião. — Deos guarde a V. exc.ª Evora, 11 de Fevereiro de 1847. — Illm.º e exm.º sr. conde de Mello — *Joaquim Mendes Neutel*, tenente coronel commandante dos leaes caçadores. — Está conforme — secretaria da 7.ª divisão militar em Evora 11 de Fevereiro de 1847. — *Barcellos*, chefe d'estado maior.

Tendo Luiz Teixeira de Sampaio Junior, cedido generosamente dos vencimentos que lhe pertencem na qualidade de commandante do batalhão de segurança publica de Santarém, bem como de todos os que de futuro lhe possam competir: a junta provisoria do governo supremo do reino, accetando aquelle offerecimento, louva em nome da nação e da rainha, o desinteressado patriotismo com que o referido cidadão se emprega no serviço da causa nacional. — Palacio da junta provisoria do governo supremo do reino, no Porto, 11 de Janeiro de 1847. — Conde das Antas, Presidente. José da Silva Passos, Vice-presidente. — Justino Ferreira Pinto Basto. — Antonio Luiz de Seabra. — Francisco de Paula d'Avila. — Sebastião d'Almeida e Brito.



#### PARTE OFFICIAL CURIOSA.

Estado maior general. — Divisão. — Repartição do ajudante general. — Illm.º e exm.º sr. Sua magestade elrei, commandante em chefe do exercito, me encarrega d'accusar a recepção do seu officio de 6 do corrente; e de dizer a v. ex.ª que o mesmo augusto senhor fica sciente de que v. ex.ª vai effectuar o movimento, sem comtudo saber para que ponto, visto não o dizer no mencionado officio. — Deos guarde a v.ª ex.ª — Quartel general no paço das Necessidades, em 8 de Fevereiro de 1847. — Barão de Sarmento, ajudante general. — Illm.º e exm.º sr. visconde de Setubal.